

Marie Bonaparte, psicanalista pioneira do círculo íntimo de Freud

Ana Maria Coutinho Hissa

O nome de Marie Bonaparte me evocava sua proeza de conseguir retirar Freud da Áustria ocupada pelos nazistas, levando-o para Londres. Também sabia que fora responsável pela criação da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). Ao pesquisar, revelou-se uma figura fascinante, uma das pioneiras da Psicanálise e a primeira psicanalista francesa. Analisada por Freud, tornou-se discípula, analista e depois amiga dele e da família. Em 1938, muito chocada com a subida do nazismo e a anexação da Áustria pelo Terceiro Reich, voltou a Viena para convencer Freud a sair de lá, junto com sua família, mediante um resgate que custou uma fortuna, além de ter mobilizado diversas pessoas com poder para ajudá-la nessa empreitada heroica. Três irmãs dele, que não puderam sair, morreram em campos de concentração. A chegada de Freud em Londres com ela é comovente:



Pareceu-me bem descrita pelas palavras que Anna Freud enviou para o Congresso dos Psicanalistas de Línguas Romanas em Paris, em julho de 1963, para a Homenagem intitulada: “À memória de Marie Bonaparte”:

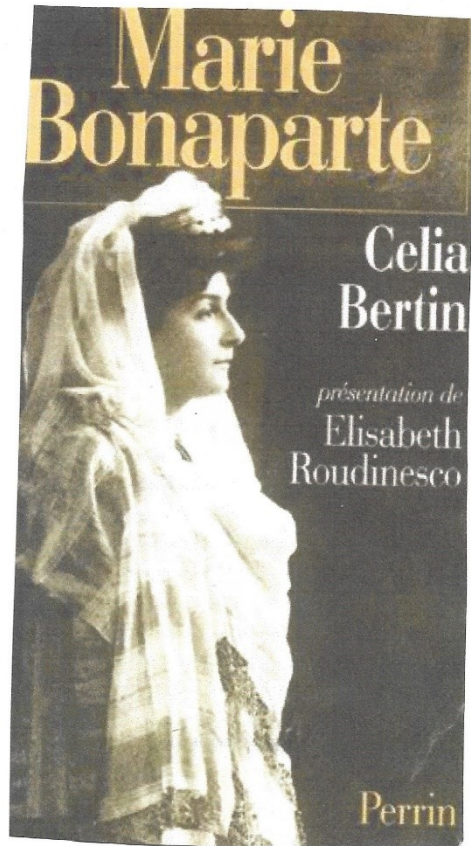
“Ela entrou para a psicanálise depois de haver explorado largamente o mundo do pensamento, da literatura, da filosofia e da ciência, na maturidade, vivendo plenamente sua vida. Aí encontrou maneira nova e apaixonante de pensar e de sentir, de ver o mundo e a si mesma, de ser mais profundamente honesta em relação a ela e aos outros, em breve, a maneira que procurava desde a infância de afinar seus conhecimentos e sua intuição. A Psicanálise foi para ela bem mais que uma carreira: enriqueceu seu espírito e sua vida, como ela própria enriqueceu a psicanálise, graças a seu passado, seu trabalho, seu saber.”

Marie Bonaparte nasceu em 1882, em Saint-Cloud, nos arredores de Paris. Foi um nascimento traumático, após três dias de trabalho de parto. Estava azulada e teve que ser ventilada para respirar. Por sorte, só ficou atingida emocionalmente, sem sequelas físicas. Embora Marie e a mãe se recuperassem, um mês depois, a mãe morreu de embolia. Segundo boatos da época, foram o pai de Marie e a avó paterna que a envenenaram, para ficar com uma fortuna, imensa, vinda do avô materno, fundador do cassino de Monte Carlo. Pelo lado paterno, Marie era sobrinha bisneta de Napoleão Bonaparte. Foi criada pelo pai, constantemente ausente, em viagens de pesquisa para seus estudos científicos, que pareciam interessa-lo mais do que ela, pela avó paterna, severa, pela qual Marie não sentia afeição, e por uma sucessão de babás, tendo uma delas continuado com Marie até seu casamento. Só a tia paterna, quando vinha visitá-los, lhe dava atenção e lhe trazia alegria. Como ela diz aos 12 anos, em *Atrás de janelas fechadas*, publicado em 1958: “Para mim, Tia Jeanne era uma espécie de grande divindade materna, dotada de poderes e encantos. Fascinava-me... Eu sofria por não ter todo o seu favor. Porque Tia Jeanne tinha seus filhos, e porque eram dela, inevitavelmente amava-os mais do que a mim, e eu sentia isso em todas as suas palavras, olhares e gestos.”

Encontrei no Programa Eletrônico Psicanalítico (PEP) 47 trabalhos de Marie Bonaparte em francês, muitos traduzidos, de 1927 a 1959, surgindo reedições até 2012. Podem ser acessados 60 artigos a respeito dela, além das traduções: revisões e comentários de seus trabalhos e livros, entre os quais sete sobre a psicobiografia de Edgard *Alan Poe* com prefácio de Freud (1934), o que fez mais sucesso. Escreveu mais de dez livros, entre eles *A Sexualidade Feminina*, (1951), além de vários artigos anteriores sobre esse tema. Do Brasil encontrei trabalhos sobre Marie Bonaparte de Alessandra Ricciardi Gordon em 2009 e Sarup Dagir Ribeiro em 2020.

A biografia mais conhecida é de Celia Bertin (1986), com *prefácio* de Elizabeth Roudinesco. *Marie Bonaparte*. Hanna Stouten (2011) em *Marie Bonaparte 1882- 1962. A princesa de Freud procura sua mãe morta*, acrescenta dados mais recentes. Parte do material que deixou, depositado na Biblioteca Nacional da França, na Biblioteca do Congresso em

Washington, no Museu Freud de Londres e com a família, só foi liberada em 2020, ou será em 2030 ou em 2050. Assim, a biografia de Marie Bonaparte poderá continuar em andamento.



O pai não permitiu que cursasse Medicina, para não afastar um futuro pretendente. Estudava o dia inteiro em casa, com diversos tutores, na biblioteca do pai, até no esqueleto de uma jovem hindu falecida cedo, em relação à qual veio a ter uma fobia. Interessava-se pelas ciências e fez doações ao Instituto Pasteur e ao Instituto Curie, onde está parte de seu material. Mesmo depois de analista continuou sempre interessada nas ciências, na origem biológica dos problemas mentais, o que não era aceito, na época, por muitos analistas.

Marie foi seduzida, aos 16 anos, pelo secretário do pai. De início, pensou que ele era seu amigo e ficou contra o pai quando o despediu. Depois ele a chantageou, com a cumplicidade da mulher, para não publicar as cartas que escrevera para ele. Até que, não aguentando mais, sentindo-se traída e desiludida, contou ao pai, que a ajudou a enfrenta-lo com o advogado da família. Pagou uma grande soma para reaver as cartas, sentindo-se livre e aliviada.

Durante um longo período, o pai procurou um pretendente que a agradasse, que não estivesse em busca da fortuna dela e que estivesse à altura, pois valorizava enormemente o título de nobreza que transmitiu, de sobrinha bisneta de Napoleão Bonaparte. Casou-se em 1907, aos 25 anos, com Georges, filho mais novo do rei da Grécia, passando a ter o título de Princesa consorte da Grécia e da Dinamarca. Foi muito duro para Marie enfrentar a ligação homossexual que o marido mantinha, desde a juventude, com o tio dele, Valdemar da Dinamarca. Quando iniciaram relações sexuais Georges declarou “Eu detesto isso tanto quanto você. Mas é necessário se quisermos ter filhos”. Tiveram um filho e uma filha. Esse tio continuou sempre acompanhando a família Apesar da afeição por Georges, que durou até a morte dele em 1957, se refugiou numa sucessão de ligações amorosas.

Tendo sido muito afetada pela morte do pai amado em 1924, e cada vez mais consciente de sua friidez, atravessou uma crise que a levou a analisar-se com Freud aos 43 anos, em 1925. Prolongada até 1929, de forma intermitente, com viagens de Paris para Viena, essa análise deu um sentido para sua vida, tornando-se depois discípula, analista e, com os anos, amiga de Freud e da família. Inúmeras cartas de Freud mostram muita afeição e intimidade a respeito dos pensamentos dele.

Levou a psicanálise de Freud para Paris, participando da fundação e ajudando financeiramente, em 1926, a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), tendo a vertente em que se colocava, como defensora da análise leiga, freudiana e filiada à IPA (Associação Internacional de Psicanálise) vencido a corrente mais ligada à Psiquiatria. Foi dos fundadores, também em 1926, da Revista Francesa de Psicanálise, onde publicou muitos artigos. Como diz Amouroux (2012), “Em sua obra científica ela se interessou pelas perspectivas terapêuticas da psicanálise, bem como pela sua aplicação a diferentes domínios como a etnologia, a sexologia

ou a literatura... No seio da RFP, Marie Bonaparte... exerceu uma inegável influência. De início ao nível financeiro... Mas também desempenhou aí um papel importante graças a Anne Berman, sua fiel analisada, que foi, a partir de 1938, a “secretária perpétua” do órgão oficial da Sociedade Psicanalítica de Paris.... Com a ajuda desta revista, Bonaparte e Berman produziram a maior parte das traduções de Freud disponíveis para seus contemporâneos e influíram sobre a escolha de publicar tal ou tal artigo segundo parecesse suficientemente “freudiano”. Em 1935 participou da criação do Instituto de Psicanálise da SPP doando fortes somas suas ou de doadores que conseguia, e inicialmente o dirigiu. Teve participação na direção da IPA, chegando a ser vice-presidente, sempre preocupada de que a psicanálise não se afastasse da orientação freudiana. Era apelidada, por seus detratores de “Freud me disse”. Bateu-se, como Freud, pela análise leiga, não tendo nenhum diploma.

Foi responsável por adquirir e depois publicar: *As Origens da Psicanálise. Cartas para Wilhelm Fliess, Rascunhos e Notas: 1887- 1902*: Por Sigmund Freud. Editado por Marie Bonaparte, Anna Freud, e Ernst Kris. New York: Basic Books, Inc., 1954. Surgiu junto o manuscrito esquecido do *Projeto para uma Psicologia Científica*. Essa publicação foi um tesouro para a os psicanalistas. Como nos diz Lowenstein (1963), colega, e amante: “Estava de acordo com a natureza complexa de Marie Bonaparte ter se encontrado uma vez numa situação na qual seus sentimentos de veneração e gratidão por Freud entraram em conflito com sua paixão pelo conhecimento. Freud opunha-se à publicação e pediu-lhe que queimasse os papéis. Porém ela desobedeceu ao desejo do homem que mais profundamente reverenciava, e devemos gratidão a ela por esse ato de rebelião”.

Marie Bonaparte escreveu toda a vida, desde os cadernos da infância e da puberdade até às vésperas da morte, em 1962, aos 80 anos. Fui mais atraída pelos textos autobiográficos, da infância e puberdade, onde já se mostrava precocemente sensível e interessada nos processos mentais, nas emoções que colorem a vida. Traduzirei os textos ao cita-los:

Em *A identificação de uma filha com sua mãe morta*, publicada na Revista Francesa de Psicanálise em 1928, conta: “Quando tinha 4 anos... fui tomada de repente, de manhã, ao acordar, por uma violenta hemoptise. O médico diagnosticou uma “congestão pulmonar... meu estado tão grave que declarou: eu não passaria certamente dessa noite. A mãe de meu pai que me criava – minha mãe tendo morrido com meu nascimento - telegrafou para meu pai voltar. Eu passei a noite e acordei na manhã seguinte. Meu pai, no seu retorno, reencontrou sua filha única, e bastaram alguns meses no Sul para me curar definitivamente.

Minha mãe cuspiu sangue, o que eu ouvira dizer antes dos quatro anos... estava para atingir o apogeu de meu complexo e Édipo. Mas eu era uma criança cuja sorte havia em parte

realizado os desejos inconscientes. Com efeito, minha mãe estava morta, o lugar invejado...junto ao pai amado, para mim estava vazio... A concepção sádica do coito, tão natural para a criança se observou o coito entre adultos... ajuda a criança a aproximar as ideias do amor e da morte.”

Marie Bonaparte, como mostra ao longo desse trabalho, passou a infância aterrorizada com alucinações diversas: “A cegonha foi evocada sob o império do mais profundo de meus desejos: a identificação com minha mãe morta ao me dar à luz... O terror pertencia ao ego, assustado pela violência de seus desejos e... por um sentimento de culpa vindo de haver “matado” minha mãe, e que as represálias surgiriam; porém muito mais forte que o terror era o prazer estético da beleza do grande pássaro irisado, prazer que foi a primeira grande impressão estética de minha vida. Era tão belo, ver meu mais profundo desejo realizado, de ser enfim a mulher do pai amado, de me tornar por ele mãe, de ver a cegonha me trazer como para minha mãe um filho, que eu aceitava em troca na minha vez, de todo coração, a morte.”

Falarei algo sobre *Cinco Cadernos e Quatro volumes de comentários* Bonaparte. M. (1951) segundo a revisão de Michel Balint (1955):

“A autora encontrou-os depois da morte de seu pai... em 1924. Ela tinha 42 anos, e embora tivesse, entre sete e meio e dez anos, enchido (para o pai) os cadernos com histórias e fantasias em sua linguagem “secreta”, o inglês, havia perdido toda memória do conteúdo deles.

Em 1925 ao começar análise com Freud, os cadernos tiveram um papel considerável... Muitos anos depois de terminar a análise... decidiu publica-los e comenta-los, usando tanto os resultados de sua própria análise quanto a experiência de sua longa e ativa carreira analítica... Assim temos um retrato bem próximo de Freud e de sua maneira de analisar nos anos vinte... Ao lermos os comentários, torna-se óbvio que, na opinião da autora... talvez o maior problema que toda mulher tem que resolver é o domínio de seu próprio medo biológico pela integridade do próprio corpo, que ela sente ameaçada pelo homem demandando coito. Assim o conflito básico é entre o desejo erótico biológico levando-a na direção da feminilidade e o medo mencionado acima forçando-a para a virilidade secundária”.

Em Marie, o medo a respeito da integridade de seu corpo devia ser aumentado pela identificação com a mãe morta um mês após o parto, na fantasia lesada pela cena primária sádica, destruída pelo nascimento dela.

“Nos quatro volumes a autora interpreta as histórias e fantasias contidas nos cinco cadernos quase exclusivamente no nível edípico fálico, embora exista muito material intrigante apontando na direção de tempos pré- edípicos. Mas a autora se prende ao curso que escolheu, e até onde posso ver, todo o material pré-edípico é, por assim dizer, visto como edípico.

Talvez... a experiência crucial... centra-se em torno de uma série de cenas primárias começando quando ela tinha poucos meses e durando até em torno dos três anos. Ela cita a opinião de Freud, de acordo com a qual eventos traumáticos acontecendo nos tempos pré-edípicos iniciais geralmente permanecem inconscientes e emergem no consciente, i. e. são expressos em palavras, só depois de distorção considerável e elaboração secundária, mais tarde no período de latência.”

Desde o primeiro sonho que levou para a análise Freud interpretou que Marie assistira ao coito entre adultos, o que ela negava, até que surgiu a hipótese de ter presenciado relações sexuais entre Pascal, meio-irmão do pai e cocheiro, com uma das babás.

“É emocionante segui-la no papel de detetive e testemunhar seu triunfo quando obtém a evidência que corrobora o trabalho interpretativo de Freud.” Conseguiu de Pascal a revelação de que ele e a babá mantinham relações sexuais, noite e dia, estando ela presente no quarto e que lhe davam algo para beber para que dormisse e não serem incomodados.”

Publicou dois volumes de sua autobiografia em 1958: *Atrás das janelas*. (até os 13 anos) e *O apelo das seivas*. (até o casamento). Os seguintes só cairão no domínio público em 2030. Como diz Serge Lebovici (1959), ao rever os dois volumes: “... queríamos sublinhar de maneira mais teórica, a extrema importância dessa autobiografia psicanalítica... o leitor especializado não poderá deixar de se apaixonar pela reconstituição e reconstrução do passado que só um psicanalista poderia terminar com tal sucesso... as lembranças pessoais formam a trama através da qual se interpenetram as interpretações.”

Em *Lembranças da Infância* (1986) os autores traduziram para inglês e publicaram com as palavras de Bonaparte (1958), trechos dos livros *Atrás de vidros fechados*. *O apelo das seivas*. Marie dispôs de dois tesouros :as lembranças da infância, onde teve a capacidade de registrar suas observações que depois usou e elaborou na análise. E o tesouro da fortuna deixada pelo avô materno que foi de várias maneiras usada em prol da psicanálise.

Em certos trechos se vê claramente sua ligação com palavras, que viria a desenvolver a vida inteira: “Palavras, palavras me apareciam como receptáculos mágicos cujos elixires não me eram dados. E que elixires de poder continham!... Com palavras se recriou o mundo, a terra, as plantas, os animais, a humanidade que o povoava: só pensando em seus nomes, amados ausentes poderiam aparecer dentro de nós. Papai, no flash de um instante, não estava lá na Suíça, mas aqui em mim... Oh palavras! Palavras que os poetas mágicos organizaram em linhas, na página. Gostaria de possuí-las todas, com seu significado e sua magia, e de saber como evocar meus pensamentos na mente dos outros algum dia, graças à sua força oculta. Então, quando estiver em meu túmulo... meus pensamentos permaneceriam acima, sempre prontos a

voar, alados, farfalhando no ar, acima das páginas de um livro, logo que mãos os abrissem e olhos descansassem aí, mãos e olhos de homens e mulheres que nascerão e respirarão depois de mim.”

Mostra imaginação criativa e o desejo de evocar seus pensamentos na mente de outros, que realizou tornando-se analista, usando palavras dotadas de poderes mágicos, insufladas pelos sentimentos revividos e elaborados na transferência, evocados nos pacientes. Conseguiu isso a partir da sua análise com Freud, de finalidade curativa de todo o mal estar que sentia, principalmente com a frigidez, que não curou da maneira que esperava, que tentou em vão resolver anatomicamente, por uma aproximação do clitóris com a vagina, em três cirurgias fracassadas, contra advertências de Freud, de que seu problema era emocional, mas conviveu com seu tipo de sexualidade, mantendo sempre relações amorosas apaixonadas. Escreveu um livro sobre seus amantes, que só poderá ser publicado depois de 2050.

Referências:

- Amouroux, R. (2012). «Notre Révue ». Marie Bonaparte et la Révue française de Psychanalyse. *Rév. Fr. Psychanal.*, 76(4): 1151- 1165.
- Balint, M. (1955). Five Copy Books: By Marie Bonaparte. (4 vols. of commentaries and a facsimile of the original copybooks.), 1951. *Int. J. Psycho-Anal.*, 36:412-414.
- Baruch, EH. Serrano, L. (1986). Marie Bonaparte-Memoires of Childhood. *Int. R. Psycho-Anal.*, 13:3-13.
- Bertin, C. (1982). *Marie Bonaparte. Présentation de Elisabeth Roudinesco*. Paris: Perrin
- Bonaparte, M. (1928). L’identification d’une fille à sa mère morte. *Rev. Fr. Psychanal.*, 2(3)541-568:
- Bonaparte, M. (1958) *Derrière les vitres closes. L’appel des sèves*, 2 vol., PUF : Paris.
- Gordon, A. R. (2009). Marie Bonaparte: princesa e psicanalista. *J. psicanal. V.42 n.77 S. P.*
- Lebovici, S. (1959). Marie Bonaparte, Derrière les vitres closes. L’appel des sèves, 1958. *Rev. Franç. Psychanal.*, 23(2):296-297.
- Loewenstein, R. M. (1963). Marie Bonaparte – 1882-1962. *Bul. Amer. Psychoanal. Assn.*, 19: 861-863
- Ribeiro, S. D. (2020). Com Laplanche, ler Marie Bonaparte: contribuições à psicanálise. Tese para doutorado aprovada. B. H.
- Stouten, H. (2011). Marie Bonaparte 1882-1962 Freud’s princess searches for her dead mother. Amsterdam, Amsterdam University Press.